

## **Introdução - Ciência? O que a filosofia tem a ver com isso?**

### **Introduction - Science? What does philosophy have to do with it?**

VANESSA FONTANA

A vida atual parece cada vez mais se afastar da ligação existente entre a filosofia e a ciência. Por vários motivos, sejam eles históricos, sejam eles práticos, a filosofia foi deixada de lado pelo conhecimento especializado das ciências modernas. A correria do dia a dia, a preocupação do capital, a busca desenfreada do consumismo e da felicidade nunca alcançada, parece ter esquecido completamente dos caminhos pelos quais a ciência e sua tecnologia chegaram até os nossos dias. A praticidade dos cartões de crédito, a comodidade dos shoppings e supermercados, o desenvolvimento crescente da medicina, da indústria farmacêutica, a promessa da nanotecnologia, e principalmente o sucesso da internet e dos smartphones, fizeram do século XX, um momento histórico fantástico e ao mesmo tempo preocupante. Será que a humanidade chegou ao ápice de sua evolução? Alcançamos a tão desejada maioria da razão como queria o filósofo Kant?

Certamente tais perguntas fazem abrir um horizonte enorme de outras questões, algumas das quais não gostamos de pensar na maior parte do tempo. A humanidade em duzentos anos cresceu e desenvolveu muitas áreas do conhecimento, mas será mesmo que estamos mais evoluídos em termos de reflexão? Com tanta tecnologia a nossa disposição, com tantas facilidades e com a rapidez do processo civilizatório, a impressão que fica é que não precisamos de nada e nem de ninguém para pensar. Porque haveria a necessidade de tentar compreender a ciência, a filosofia, as artes, se a preocupação constante está no dinheiro? Quem hoje em dia se importa com línguas mortas, filosofia, ou história? Para que serve o celular se não para postar fotos? Para que serve a internet se não for para ter uma informação rápida e resumida de todo acontecimento humano? Temos o whatsapp para enviar mensagens de áudio, nem precisamos mais digitar. Temos figurinhas que representam todas as nossas emoções, porque precisaríamos de um livro de poesias para reconhecer nossos sentimentos nele?

Tantas perguntas rodeiam a vida atual, mas é difícil adentrar nelas, porque no fundo não queremos ser questionados. Se a humanidade evoluiu por um lado, por outro ela deixa um rastro de destruição, com a poluição cada vez maior do planeta. Quem quer pensar nisso? Quem quer entender a ciência? E como diz o título desse capítulo, o que a filosofia tem a ver com isso? O pensamento geral parece ser “ciência, eu uso e não questiono”. E a filosofia está tão distante do pensamento popular que parece que subiu ao mais alto dos picos e lá ficou. Vamos fazer um esforço, na frase “ciência, eu uso e não questiono”, onde está a parte filosófica? Será que a filosofia ainda pode ser considerada uma ciência, ou ela simplesmente saiu de moda? Será que a filosofia nada tem a ver com a realidade? Deve-se deixar um pouco de lado o fazer questionamentos, vamos tentar responder a questão posta acima. Onde está a parte filosófica da frase: “Ciência, eu uso e não questiono”? Aqui entra a grandeza do pensar filosófico diante das ciências. Revela-se uma verdade que está posta desde o início desse texto, a filosofia já está agindo aqui. A filosofia é antes de tudo questionar a realidade. Trata-se de uma atitude filosófica que acompanha a humanidade desde seu nascimento na Grécia antiga.

324

Pode ser uma desculpa dizer que não se conhece a filosofia, pode ser falta de tempo, de estudo, de coragem, mas também pode ser que o processo histórico no qual vivemos está afastando a filosofia de nossa evolução. Enfim, especulações a parte, a filosofia precisa ser retomada. Ora, porque é preciso retomar a filosofia para pensar a ciência? Quais as vantagens de fazer tal aproximação? Para a maioria das pessoas, as pessoas que perderam esse vínculo com suas origens, ou que simplesmente desconhecem sua história, a pandemia desse ano de 2020 causada pelo coronavírus (COVID-19) caiu como uma bomba no seu mundo perfeito, como se a vida antes da pandemia estivesse ótima, como se o capitalismo não estivesse destruindo as famílias, como se a divisão das riquezas fosse justa. Cada um no seu mundinho enfeitado, hipócrita e conservador, enquanto o planeta está morrendo, as pessoas estão passando fome, e a esperança de uma política decente vai ficando cada vez mais longe.

A pandemia só fez tornar mais evidente uma realidade que já estava dada. A realidade da fragilidade do pensamento, da cultura, da educação, do brasileiro. Não se trata aqui de generalizar, sabe-se bem que existe uma produção excelente em

termos de conhecimento no Brasil, temos grandes cientistas, pesquisadores, professores, profissionais qualificados. Temos uma tradição cultural com enorme respeito internacional, tantos nomes ilustres, e hoje o que temos? Será que estamos nos afastando cada vez mais do conhecimento? A princípio tudo dá a crer que estamos nos afastando sim de um conhecimento humanista, de um conhecimento que traga junto de si um olhar reflexivo. Porque não basta ter um conhecimento técnico se não se tem um conhecimento cultural mais amplo. Qualquer robô pode substituir um profissional técnico, mas um robô não terá a sensibilidade de tocar uma bela sinfonia, ou de refletir sobre o sofrimento humano. Será que o conhecimento científico afastado que está da filosofia, não está transformando as pessoas em robôs? Uma linha de produção para enriquecer os já ricos e passar por cima dos mais pobres? As perguntas nos colocam no centro do problema e é preciso muita coragem pra avançar nessa discussão.

O problema é como chegamos nessa crise do conhecimento científico, porque as pessoas preferem negar as ciências antes de conhecê-las de fato? Podem-se elencar vários motivos que conduziram a vida humana a essa negação, entre elas encontra-se o principal motivo que é a separação das ciências e a falta de pensamento filosófico no discurso das ciências. Não é só uma separação das ciências humanas, deixadas de lado, e das ciências técnicas de outro, mas também a falta de senso crítico de cada um de nós. Os próprios cientistas que se afastam do pensamento filosófico e defendem um pensamento pragmático causam essa descrença no seu fazer. Essa ruptura entre os cientistas, essa divisão e certa arrogância, nos trouxe até um mundo que apesar de ser tão evoluído tecnologicamente divide-se entre os que acreditam e os que não acreditam na ciência.

Esse discurso de negar ou afirmar o trabalho científico depende também de como é divulgado. Antes o domínio da informação e de sua construção estava mais restrito aos grandes jornais e emissoras de televisão, hoje em dia a informação vem direto no celular de cada pessoa, através das redes sociais que viraram fontes rápidas de informação. Contudo, essas fontes de informação acabam também produzindo uma diversidade de pensamentos antagônicos, em todos os campos do saber humano, as pessoas se sentem mais a vontade para achar isso ou aquilo de todos os

assuntos. Deve-se ressaltar o perigo da manipulação da informação, será que o que eu penso sobre a ciência é de fato a verdade sobre ela? Pensar sobre isso, já nos coloca no fazer filosófico. Antes de dar como verdade uma informação sobre algo científico, deve-se pesquisar sobre o tema, buscar conhecer as fontes da informação, pois existem muitos interesses políticos e ideológicos por trás de cada informação repassada nas redes sociais.

A influência da filosofia no conhecimento particular de cada um também interfere no senso crítico em relação à realidade, a ciência e a cultura em geral. Conhecer a filosofia não é só um conhecimento erudito, mas passa por uma conscientização geral de conhecimento. Como diria Descartes, bom senso é coisa que todos pensam ter o suficiente, mas que na verdade ainda falta na nossa mente. A filosofia auxilia todas as ciências só pelo fato de instaurar um caráter reflexivo no conhecimento prático e positivo. A desvalorização desse bom senso, ou seja, a desvalorização da filosofia em detrimento dos conhecimentos especializados impede não só o crescimento das ciências, mas a compreensão da ciência como uma totalidade pertencente a um mundo mais complexo do que a sua teorização específica. A ciência faz parte de um todo de conhecimento, logo ela precisa estar inserida nesse todo, mas o que se faz hoje é desconectar cada vez mais a humanidade de suas heranças históricas.

Entende-se por herança histórica não só a história dos povos e de suas façanhas, mas também entra em jogo a história da filosofia. O que eu penso sobre a ciência hoje, ou o que deixo de pensar, tem muito a ver com a filosofia e a sua história. A história da filosofia no ocidente começa na Grécia a partir do século VII a. C. O nascimento da filosofia significa também o aperfeiçoamento das ciências, pois a filosofia ao desenvolver a racionalidade, a lógica e a linguagem, se torna determinante para o processo de amadurecimento da ciência. Antes de adentrar ao campo da história da filosofia e de sua origem deve-se voltar um pouco no tempo e investigar a questão das origens da linguagem para o ser humano.

Falar da origem da linguagem humana é um dos temas científicos mais discutidos e discordantes da ciência moderna até nossos dias. Não há um consenso de data ou lugar onde começou a linguagem entre os humanos. O tema é difícil pela carência de evidências empíricas. Contudo, citam-se duas teorias mais comuns

sobre a origem da linguagem, uma é a teoria da continuidade, que a linguagem não surgiu do nada e que teria evoluído dos nossos ancestrais primatas através de sistemas pré-linguísticos; a outra teoria é a teoria da descontinuidade que diz ser a linguagem algo bem próprio e único da espécie humana, não se encontraria em seres não humanos, e ainda que a teoria apareceu subitamente na evolução humana. O filósofo Noam Chomsky é um representante da teoria da descontinuidade. Para ele, ocorreu uma mutação em um indivíduo por volta de 100 mil anos atrás e assim apareceu a linguagem falada.

O que é a linguagem para o filósofo Chomsky? Ele explica no início de sua obra “Reflexões sobre a linguagem”. Diz: “A linguagem é, assim, o espelho do espírito, num sentido profundo e significativo. Ela é um produto da inteligência humana, uma criação renovada em cada indivíduo através de operações que ultrapassam o alcance da vontade e da consciência” (CHOMSKY. 1980. P, 10) O filósofo explica ser a linguagem uma criação única do humano, assim a linguagem falada revelam o que há no aparelho cognitivo de cada um, sendo essa linguagem o que diferencia os humanos dos outros animais. O nascimento da linguagem escrita demarca a separação entre história e pré-história. A escrita surge na idade do bronze, e se destaca no Oriente Médio, através da escrita cuneiforme, que surgiu pela necessidade de desenvolvimento da economia e da sociedade. Por volta de 3.000 a.C. surgiu na mesopotâmia a escrita silábica para representar a língua falada dos sumérios. Tudo isso para lembrar que o desenvolvimento da linguagem foi um processo longo e demorado, e que com esse surgimento da escrita é que ocorreram as principais mudanças históricas na civilização humana.

Para demonstrar essa mudança da cultura humana, apresenta-se um pouco da civilização egípcia, esta se desenvolveu há 6.000 mil anos antes da nossa era. O princípio fundamental da escrita egípcia que não variou em toda sua história é a relação entre pictograma e fonograma. (Grimal, p, 36). Segundo Grimal:

“Os documentos administrativos, contábeis, jurídicos e outros, desde as composições literárias ou os rituais religiosos e funerários, se recorre desde muito a uma escrita curvada, que os turistas gregos da época baixa denominaram ‘hierática’. Porque pensavam, ou julgavam pelo que viam, que estavam reservadas aos membros do clero, por oposição ao demótico, que pareciam estendido só entre o povo” (GRIMAL. 1996. P, 37)

Este referencial à escrita cursiva se dá perto do século VII antes de Cristo, eram usados papiros para conservar os textos mais importantes, como textos mágicos, religiosos, científicos e literários. Salvaguardando a cultura do antigo Egito nesses documentos. Sobre a ciência é importante destacar a matemática, pois Aristóteles atribui aos egípcios a descoberta da matemática na sua obra “Metafísica” (REALE. 1993.p, 13). Tudo isso para mostrar que as ciências já existiam antes da sua sistematização lógica com os gregos. “A numeração hieroglífica egípcia foi facilmente decifrada. “O sistema, pelo menos tão antigo quanto as pirâmides, datando de cerca de 5000 anos atrás baseava-se, como seria de esperar na escala de dez.” (BOYER. 1974.p, 8). Havia ciências entre os antigos antes dos gregos, havia medicina no Egito antigo, havia governos políticos, havia literatura, havia matemática, e arquitetura, contudo não havia uma sistematização dessas ciências. Faltava o caráter racional e desconectado das religiões.

A filosofia é responsável por esse caráter de racionalidade das ciências, estudá-la significa também pensar um pouco sobre os outros povos e porque esses povos não chegaram a desenvolver um pensamento racional, embora tivessem ciências já estabelecidas. A discussão acerca da influência do oriente no ocidente perpassa várias ciências, como explica Moldolfo:

“Já Herodoto, Platão, Aristóteles, Eudemo e Estrabão faziam proceder dos caldeus, egípcios e fenícios, ciências cultivadas depois pelos gregos tais como a astronomia, a geometria e a aritmética...” (MOLDOLFO. 1959.p, 3)

Apesar das ciências exatas terem vindo dos povos mais antigos que os gregos, isso não ocorreu com a filosofia. O desenvolvimento em outras partes da cultura, como ciências, política, religião, são notáveis e comparáveis, mas não ocorre o mesmo quando se fala em filosofia.

“Nem todo povo nem sequer cada comunidade civilizada teve filosofia. Muitos povos possuem santos, profetas e reformadores religiosos, mas só muito poucos têm produzido filósofos.” (ZELLER.1972.p, 10)

Os primeiros que sustentaram uma derivação oriental da filosofia são os próprios orientais, por uma questão de nacionalismo. Os sacerdotes egípcios

sustentaram a filosofia como conhecimento vindo da sabedoria egípcia. Os hebreus de Alexandria também tentaram sustentar tal derivação da filosofia oriente. Tais tentativas de mostrar a derivação da filosofia do oriente são meras especulações, sem provas concretas. Por isso diz Zeller:

“Os estudiosos familiarizados com a literatura filosófica chinesa nos informam que esta língua está mal dotada para a filosofia. Seu sistema mais profundo, o taoísmo de Lao-Tse, resulta mais misticismo que filosofia, tanto que Kon-tse, quem segundo própria confissão era ‘repetidor, mas não criador’, aderindo firmemente a religião, foi um moralista e não um filósofo, pois careceu de compreensão para as questões metafísicas.” (ZELLER.1972.p,10)

As afirmações dos orientalistas não possuem base sólida histórica, o que indica as falhas nessa leitura são algumas características descritas pelos próprios gregos na construção de seu sistema peculiar. Entre as características importantes está o não comentário nem de Herodoto, nem de Platão sobre uma possível filosofia oriental. Numa fase específica em que a filosofia perdeu seu vigor especulativo a tese oriental ganhou força, mas por causa de uma revelação superior. A filosofia grega do fim do período helenístico adota doutrinas místicas e ascéticas, o que favorece tal associação ao orientalismo. Os egípcios e os hebreus puderam encontrar na sua sabedoria religiosa algumas interpretações aproximadas entres os mitos dos povos gregos, mas que não constituem uma referencia filosófica. (REALE. 1993.p, 13-14)

Como explica Chauí, vários historiadores da filosofia afirmam que a prosperidade econômica das colônias gregas “foi a base sem a qual não poderiam realizar-se os mais altos esforços intelectuais”. (CHAUÍ. 2002, p. 17) , ou seja, não haveria filosofia. O povo grego tinha uma liberdade maior se comparada aos povos orientais. “O oriental estava preso a uma cega obediência ao poder religioso e ao poder político” (REALE. 1993. P, 25) Esta liberdade não é apenas econômica e política, por causa da democracia, mas é também liberdade religiosa. Com a criação da polis o cidadão grego tinha os fundamentos ideais para exercer sua vida política e ética, já que para os gregos as duas coisas andas sempre juntas. Havia a liberdade religiosa porque os gregos eram politeístas, essa era a religião pública dos gregos, muitos estudiosos afirmam a proximidade entre a religião pública e a filosofia, como

cita Reale ao falar de Zeller (REALE. 1993. P, 21), essa pequena semelhança está no naturalismo, tudo que é natural para o ser humano é legítimo para os deuses. Os primeiros filósofos foram os físicos, conhecidos pela cosmologia e por desvendar o mundo através dos fenômenos da natureza.

A filosofia surge como resposta aos problemas não solucionados pelos poetas e sacerdotes religiosos. Primeiramente, tem-se a religião, seja ela o politeísmo, seja a religião órfica, esta última importante influenciadora do pensamento de Platão. As origens da filosofia estão na história do povo grego.

É preciso compreender que por sua liberdade o povo grego desenvolveu um pensamento reflexivo capaz de responder de forma diferente as perguntas fundantes do mundo e da vida humana. Segundo Chauí, o primeiro historiador da filosofia, que não era filósofo, foi Diógenes Laércio. Para ele, a filosofia é originalidade grega, e atribuiu aos gregos a origem de toda humanidade, dividindo o mundo entre gregos e estrangeiros ou bárbaros, os de língua e costumes rudes. (CHAUÍ. 2002, p, 19) Apesar de Diógenes expor teses orientalistas a respeito do nascimento da filosofia, a tese central é da origem genial do povo grego nesse campo. Somente no classicismo tardio (final do século XVIII) é retomada a tese do milagre grego da filosofia.

A saída do pensamento religioso ao pensamento filosófico é radical. Os dois modos de conhecimentos tendem a explicar o mundo mais a explicação mesma é totalmente diferente. Por isso, os próprios sábios resolveram “considerar os primeiros filósofos como figuras singularmente separadas e independentes” (CORNFORD. 1984. P, 14). Entre a religião e a filosofia existem laços estruturais, seja quando a filosofia assume os mesmos problemas da religião, seja quando contesta a religião. O que a filosofia assume da religião? A filosofia assume as perguntas sobre o mundo: o que é? De onde viemos? Para onde vamos? Qual a causa primeira de tudo?

Não é só isso que a filosofia assume, a filosofia acaba por assumir algumas características da religião dos mistérios, o orfismo. O orfismo é fundado pelo poeta Trácio Orfeu, as características do orfismo são: A) No homem vive um princípio divino, um demônio, caído num corpo por causa de sua culpa originária; b) esse demônio é imortal, c) A vida órfica, com suas práticas de purificação, é a única que

pode por fim aos ciclos das reencarnações, d) quem vive a vida órfica goza depois da morte, do prêmio da libertação. (REALE. 1993. P, 24) A religião órfica explica algumas teorias expostas nas filosofias de Pitágoras, Heráclito, Empédocles e Platão. Em Platão, a influência está principalmente na divisão entre corpo e alma, e na maior importância da alma e de sua imortalidade em detrimento do corpo que é considerado uma prisão no diálogo Fédon.

A passagem da religião à filosofia é a passagem do mito e da fantasia ao pensamento racional e abstrato. A palavra filosofia em sua etimologia é amor à sabedoria, ou seja, amor de amizade ao conhecimento. Este conhecimento é buscado através do método do logos, isto é, da razão, da lógica. Nesse mesmo raciocínio explica Zeller:

“Foi esse equilíbrio, combinado com um vigoroso sentido de realidade e um idêntico poder de abstração, o que os habilitou desde muito cedo para reconhecer suas ideias religiosas segundo o que elas realmente eram – criações da imaginação artística – e colocar em um lugar de um mundo mitológico outro de ideias contruído pela energia do pensar humano independente, o logos, o que podia pretender explicar a realidade de modo natural”. (ZELLER. 1972. P, 11)

A razão é o método de explicação das perguntas feitas e respondidas pela filosofia na Grécia antiga. Esse método é o que traz a cientificidade à filosofia. É aqui que a filosofia se aproxima da ciência, porque desde seu início ela tem esse caráter científico, ou seja, epistemológico, palavra essa que vem de episteme, que significa ciência das causas e das razões primeiras.

A filosofia é uma ciência no sentido de episteme, conhecimento racional e verdadeiro do mundo. A filosofia é a ciência da busca das causas e princípios de toda realidade e do sujeito. A filosofia antiga tem por característica ser puramente teórica e contemplativa, como explica Aristóteles na *Metafísica*. Diz: “De modo que, se os homens filosofaram para libertar-se da ignorância, é evidente que buscavam o conhecimento unicamente em vista do saber e não por alguma utilidade prática.” (ARISTÓTELES. 982b 21-24. 2002. P, 11) A filosofia enquanto ciência é livre e contemplativa, pois trabalha com a realidade abstrata da metafísica como parte fundante da própria filosofia. A filosofia não é prática em relação às outras ciências,

como as ciências técnicas, entre elas a química, a física entre outras. A filosofia é uma ciência que tem o fim em si mesma, ela está preocupada com as questões fundamentais que gerem a natureza do mundo e do sujeito, mas de forma racional e contemplativa. Dizer que ela tem o fim em si mesma significa dizer que ela não depende de nenhuma outra ciência para existir, ao contrário, ela é independente. Com a filosofia surge a ciência ocidental, a lógica e a razão. Como explica Chauí, alguns historiadores da filosofia como é o caso de Burnet que foi influenciado pelo cientificismo que predominou no pensamento europeu do início do século XX, dizem serem os primeiros filósofos gregos os criadores da base da ciência experimental moderna. (CHAUÍ, 2002, p. 31)

### **Cap 1) Negacionismo da ciência na visão da Filosofia**

O negacionismo da ciência na área da filosofia se dá por vários meios, os caminhos escolhidos para traçar uma relação do tema com a filosofia são: primeiro pensar um pouco sobre o próprio conceito de filosofia enquanto ciência (episteme) para depois tentar responder por que o negacionismo é tão forte nos dias de hoje.

A exposição deve começar com uma análise etimológica da palavra ciência. Ciência tem origem na palavra episteme, que vem do grego e significa de modo geral, o conhecimento real e verdadeiro que se opõe às opiniões insensatas. Disso pode-se deduzir que a ciência enquanto episteme é o conhecimento real e verdadeiro do mundo na concepção da filosofia grega antiga. Com tal definição é possível compreender a filosofia como ciência, pois não caberia pensa-la no sentido de ciência moderna, qual seja, no sentido de um progresso da verdade.

Para corroborar o sentido de filosofia como ciência (episteme) e para desvendar a pergunta sobre o que é o conhecimento, deve-se resgatar o tema dentro da filosofia de Platão. Este filósofo se preocupou muito em estabelecer as bases da ontologia e epistemologia para assegurar a verdade da filosofia e do seu modo de conhecimento. Para explicar como se dá o conhecimento, Platão faz uma distinção clássica entre doxa e episteme, ou seja, conhecimento da opinião versus conhecimento da ciência e entre elas a filosofia.

A partir dessa divisão entre doxa e episteme tem-se a divisão entre o filodoxo e o filósofo. O filodoxo é o amigo da opinião, o amante dos espetáculos, busca audição

nos prazeres sensíveis, julga pela aparência, é um falseador da verdade, ou seja, convive bem com a falta de conhecimento verdadeiro do mundo. Já o filósofo, por definição, é o amigo do saber, amante da sabedoria e do conhecimento, o filósofo está sempre aberto e disposto a filosofar, ou seja, conhecer cada vez mais. O filósofo também se diferencia do sábio, pois este último possui a verdade absoluta, como é o caso do religioso. O filósofo não detém a verdade absoluta, mas antes está no caminho da busca pela verdade, uma verdade possível e real.

Platão em sua obra “A república” no livro 6 explica com sua divisão da linha cortada, explica a divisão do conhecimento em doxa e noeta. A região da doxa é o âmbito do senso comum, e o mais baixo grau de conhecimento, para Platão, se trata mesmo de um conhecimento falso da realidade. Na parte mais baixa da linha do conhecimento estão as imagens que são conhecidas pela suposição ou ilusão, são as cópias das cópias das ideias. Um pouco mais acima, mas ainda no plano da doxa (opinião) tem-se a zoa ou o mundo dos seres vivos e objetos da natureza, que são conhecidos pela fé (pistis). A fé é um conhecimento que está antes da ciência e da filosofia, ou seja, trata-se aqui de crenças como preconceitos e da religião. O plano da zoa é cópia das ideias, ou seja, está distante do conhecimento real e verdadeiro que a filosofia procura.

Na segunda divisão da linha do conhecimento está o âmbito da noeta, ou seja, o plano da episteme e da filosofia. Platão divide esse plano em dois, noeta inferior (hipóteses) conhecida pela razão discursiva, que trata das ciências mais técnicas; e noeta superior (verdade e das ciências superiores), este âmbito da realidade é conhecido através da noesis que é uma intuição intelectual. Intuição aqui não significa um retorno ao misticismo ou sensações, mas deve ser compreendida como uma visão imediata da verdade. A matemática se destaca como ciência nesse plano, ela está logo abaixo da filosofia, e esta é o mais alto grau de ciência no sentido de busca da verdade real do mundo.

Destaca-se também a divisão entre sensível e inteligível presente nas características da divisão doxa e episteme. O plano da doxa é regido pelo sensível, pelas sensações do corpo, pelo instinto e pela fantasia. Enquanto o plano da episteme é dirigido pelo inteligível, ou seja, pelo puro pensamento, pela razão

(logos) e pela lógica. Isto quer dizer que tal âmbito remete à ontologia, ou seja, ao estudo do ser, no caso de Platão dos seres, as ideias.

Há outra oposição na história da filosofia grega, que é a separação entre filósofos e sofistas. Os sofistas eram professores, retóricos e negadores da filosofia tradicional, negavam também a verdade absoluta. A tradição da história da filosofia, com Platão e Aristóteles, os condenou por causa desse descompromisso com a verdade, com a ontologia e a filosofia enquanto ciência. É importante dizer que os sofistas eram os professores, em sua maioria, dos políticos da época de Sócrates, Platão e Aristóteles. Dois sofistas se destacam: Protágoras, dizia que “O homem é a medida de todas as coisas”, ou seja, afirmava o relativismo da verdade; e Górgias, o retórico, que negava o ser de Parmênides e trouxe inovações na retórica envolvendo a estrutura e a ornamentação da linguagem.

Cabe ressaltar a existência da obra Górgias de Platão, na qual este faz uma dura crítica ao sofista e sua retórica, pois esta não se preocupa com o conteúdo do conhecimento, mas apenas com a forma. A retórica é apenas um modo de enfeitar o discurso sem compromisso com a verdade do que se fala, era o que caracterizava o discurso político da época. Somente a filosofia poderia exercer bem o papel político, pois esta tem um discurso da totalidade e da verdade. Platão é muito crítico aos sofistas, pois estes de certa forma condenaram seu mestre Sócrates à morte. Ele denuncia a corrupção da democracia ateniense e pretende na obra “A república” construir um novo modelo de política, uma polis ideal, com o governo do rei-filósofo.

Para sair um pouco do debate antigo, busca-se a definição geral de ciência para a modernidade. Ciência no sentido moderno é conhecimento que inclua, em qualquer forma ou medida, uma garantia da própria validade, é aplicável a ciência moderna que não tem pretensão de absoluto. Avançando um pouco mais na história da filosofia, inclui-se uma definição de ciência na filosofia contemporânea, com a filosofia de Edmund Husserl, o famoso pai da fenomenologia. Husserl pretende mostrar a importância da filosofia pensada como uma ciência aos moldes de uma filosofia primeira, tal qual Aristóteles descreve na “Metafísica”. Husserl é um dos últimos contemporâneos que defende a valorização da ciência da filosofia como ciência fundante. A fenomenologia, a sua ciência transcendental dos fenômenos,

com seu método e sua verdade, é o caminho seguro para fundar as outras ciências, tanto as ciência do espírito (História, sociologia, psicologia, etc), com as ciências da natureza (biologia, física, química, etc).

Toda essa discussão histórica da filosofia sobre o que é a ciência, como conhecer e qual a importância da filosofia como fundamentação de todas as ciências, deve ser acrescentada a uma discussão mais atual, que pretende tratar do porque as ciências e a filosofia são negadas pelas pessoas do senso comum. Em especial a pergunta é porque existem pessoas que seguem um pseudo-filósofo, o Olavo de Carvalho. O que passa na cabeça dessas pessoas, conhecidas como “olavistas”? Porque existe esse forte movimento de negação generalizada pelo olavismo? Ele não tem formação acadêmica nenhuma, muito menos formação filosófica para se autodenominar filósofo. Nem mesmo uma intelectual como a Marilena Chauí não se auto intitula como filósofa, ela diz ser historiadora da filosofia.

A biografia desse sujeito é controversa, ele estudou apenas até a oitava série, entre outras coisas. Ele ficou famoso por ser astrólogo, e como todos devem saber, a filosofia desde sua origem se distancia da crença e dos fenômenos místicos. Entre as coisas que ele nega estão o covid-19 e a esfericidade da Terra. No twitter pessoas com essa perspectiva negacionista são chamadas de “coronaplanistas”. O último livro dele chamado “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota” está repleto de machismo, negação do feminismo, política de extrema-direta, fascismo, entre outras bobagens. Uma pessoa com uma formação sólida em filosofia jamais se prestaria a defender tais posições radicais, isso é no mínimo uma vergonha para a classe da filosofia.

O questionamento é como um charlatão da filosofia pode ter tanta visibilidade? Como ele pode ter 869 mil seguidores no you tube, por exemplo? A resposta da filosofia conforme esse esquema histórico que foi traçado, é que esse sujeito não passa de um filodoxo, isto é, um amigo da opinião. Opinião na teoria platônica do conhecimento tem um caráter de falsidade, de imitação obscura da verdade e de um distanciamento da ciência e da filosofia. A opinião é conhecida pela suposição, ou seja, o negacionista tem uma suposição bem vaga do que seja tal ou tal assunto, do que seja a ciência, ou mesmo do que seja a filosofia. Este tipo de

conhecimento é falso, ou no mínimo contém pouca ou quase nenhuma verdade, porque está distante da episteme e da filosofia. Outro modo de conhecer pertencente ao âmbito da doxa é a fé (pistis) que fala da crença principalmente na religião. Tal crença é fé nas coisas do mundo sensível, crença no discurso místico e que não condiz com a ciência. A fé é um tipo de conhecimento que se baseia numa verdade inquestionável, numa ser ou seres de outro mundo e que não temos como refutar ou provar. Contudo, para Platão está no tipo de conhecimento falso do mundo.

O negacionista seja ele o condutor da religião (pastor ou sábio), seja ele o seguidor (rebanho), tem em comum a apreciação pelo discurso bonito, de aparência. O pastor se impõe com seu discurso de espetáculo, que fala diretamente às sensações do ouvinte, isto é, do negacionista. Ele tem um discurso convincente, pois fala de algo fantasioso e misterioso, que não tem como provar pela razão. O filodoxo é o negar da ciência, o que impõe uma opinião falsa oriunda do senso comum, por isso, ele é tão atrativo, porque tem uma linguagem fácil, falsa e difícil de refutar pela ciência ou pela filosofia. Platão deixa de lado esse conhecimento dizendo que é enganoso, e que nunca poderá clarear nosso pensamento intelectual e racional sobre o mundo.